

LITERATURA PORTUGUESA PARA A INFÂNCIA DA DÉCADA DE 60 E INÍCIOS DOS ANOS 70 DO SÉCULO XX – ALGUNS CONTRIBUTOS

DATA DE
RECEPCIÓN:
07/07/2015

DATA DE
ACEPTACIÓN:
09/09/2015

LITERATURA INFANTIL PORTUGUESA DE LA DÉCADA DE LOS 60 E INICIOS DE LOS 70 DEL SIGLO XX – ALGUNAS APROXIMACIONES

PORTUGUESE CHILDREN'S LITERATURE OF THE 60S DECADE AND THE BEGINNING OF THE 70S OF THE 20TH CENTURY -SOME CONTRIBUTIONS



Sara Reis da Silva

Universidade do Minho (Portugal)

sara_silva@ie.uminho.pt

Resumo: A partir de uma delimitação cronológica ou da fixação de um período particular, política e socialmente relevante em Portugal, correspondente aos últimos anos de governação ditatorial de António de Oliveira Salazar, reflecte-se e estipulam-se algumas coordenadas (autorais e/ou estético-literárias) que contribuem para um “desenho” da história da literatura portuguesa para a infância. Percorrendo os principais nomes e respectivas obras, avançam-se as mais relevantes singularidades isotópicas e técnico-expressivas, por exemplo. Procura-se, assim, caracterizar uma época literária e preencher um certo vazio que continua a pautar a historiografia literária referente à escrita especialmente vocacionada para o leitor infantil.

Palavras-chave: literatura portuguesa para a infância, história literária, anos 60 e 70 do século XX.

Resumen: A partir de la delimitación cronológica o de la fijación de un período particular, política y socialmente relevante en Portugal, que se corresponde con los últimos años de la dictadura de António de Oliveira Salazar, se reflexiona y se establecen algunas coordenadas (autorales y/o estético-literarias) que contribuyen al “diseño” de la Historia de la Literatura Infantil portuguesa. Se recorren los principales nombres y sus respectivas obras, avanzando, por ejemplo, sus más relevantes singularidades isotópicas y técnico-expresivas. De este modo, se intenta caracterizar una época literaria y llenar el vacío que, de algún modo, continua marcando la historiografía literaria referida a la producción dirigida al lectorado infantil.

Palabras clave: literatura infantil portuguesa, historia literaria, década de los 60 y 70 del siglo XX.

Abstract: From a chronological delimitation or a setting of a particular period, politically and socially relevant in Portugal, corresponding to the last years of the dictatorial governance of António de Oliveira Salazar, we reflect and stipulate some lines (authorship and/or literary aesthetics) which contribute to a “drawing” of Portuguese children’s literature History. Traversing the main writers and their works, we advance the most relevant isotopic, technical and expressive singularities, for example. Thus, we aim at characterize a literary time and fill a certain emptiness that continues to mark the literary historiography regarding literature especially edited to the child reader.

Keywords: portuguese children’s literature, literary history, 60s and 70s of the twentieth century.

Pela sua situação natural no quadro da fenomenologia histórica e das culturas da sociedade, a literatura, enquanto objecto de estudo, reclama a construção de uma periodização assente na identificação, na delimitação e na descrição dos seus processos de génese, (re)construção e transformação (Silva, 1990). Tradicionalmente concebida a partir do biografismo, da informação positivista e do estudo de questões que se prendem com a génese e autoria do texto (Reis, 1981), nos últimos anos, a história literária tem sido “reescrita”, sob a designação de “cultura literária”. Sendo, portanto, entendida de forma renovada, tende-se a acentuar, cada vez mais, a importância da valorização de uma dialéctica entre o passado e o presente, bem como de processos ou «pontos nodais» temporais, topográficos, institucionais e figurativos (Cunha, 2011), a par de uma análise articulada de todos os elementos que tornam possível a comunicação literária (Roig Rechou, 2013) ou, até, de um entendimento historiográfico comparativo (O’ Sullivan, 2005).

As singularidades sistémicas da Literatura para a Infância (Shavit, 2003; Weinreich, 2000) parecem ter determinado a relativa desertificação ou a inconsistência da abordagem crítica de que tem sido alvo no domínio da historiografia, sendo, regra geral, ignorados os já aludidos «pontos nodais» (Cunha, 2011).

Um dos períodos históricos cuja “leitura historiográfica” de contornos literários se encontra, ainda, por concretizar com profundidade e intuito sistematizador corresponde ao intervalo de tempo compreendido entre a década de 60 e os inícios dos anos 70, um período circunscrito e anterior ao 25 de Abril de 1974.

A presente panorâmica procura dar, por isso, conta dos principais autores, obras, colecções e tendências da comumente designada literatura infantil (LI) portuguesa nos anos 60 e inícios de 70 do século XX.

Uma nota prévia para assinalar o trabalho rigoroso de orientação histórica efectuada por José António Gomes em *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude* (1997), uma obra muito relevante que retoma e acrescenta dados novos às Histórias da literatura para crianças da autoria de Esther de Lemos (1972), Maria Laura Bettencourt Pires (1993) e Natércia Rocha (1984), instrumentos também para nós imprescindíveis na elaboração deste ensaio.

Uma exposição pormenorizada dos principais **elementos contextuais**, de importância inegável, sublinhe-se, não cabe nos limites deste breve estudo. Não podemos, porém, deixar de salientar, pelas suas implicações ao nível da promoção da leitura e/ou da difusão do livro infantil, a actividade das Bibliotecas Gulbenkian, tanto das da rede itinerante (iniciada em 1958), como das fixas (a partir de 1961), bem como, em 1960, a instauração da escolaridade obrigatória de quatro anos (inclusive para as raparigas) e, em 1964, o alargamento desta para 6 anos.



Literatura portuguesa para a infância da década de 60 e inícios dos anos 70 do século XX – alguns contributos

Nesta época, são notórios alguns sinais que revelam um interesse crescente pelo universo literário que tem a criança como destinatário explícito. Em 1968, a Mocidade Portuguesa Feminina edita *Ler para Crescer*, uma brochura comemorativa do Dia Internacional do Livro Infantil (2 de Abril), com uma lista de livros seleccionados e repartidos pelas secções «A criança na 2ª infância», «A criança em idade escolar», «O Pré-adolescente», «O adolescente». Em 1971, por exemplo, publica-se *A Criança e o Livro*, volume que decorre de um conjunto de iniciativas levadas a cabo em 1968 e 1969, por ocasião também das comemorações do Dia Internacional do Livro Infantil, pela Cooperativa Ludus (associação nascida em 1967 na qual participavam artistas, escritores, bibliotecários e educadores e cuja actividade se prendia com a promoção do livro e da leitura). Acrescente-se, ainda, o facto de, em 1972, o Ministério da Educação Nacional ter promovido um Ciclo de Conferências sobre LI. Deste ciclo resultaram volumes como o opúsculo *A Literatura Infantil em Portugal*, de Esther de Lemos (1972), *Aspectos Editoriais da Literatura Infantil*, de Júlio Gil (1972) ou *O Sentido Educativo do Maravilhoso*, de António Quadros (1972).

Outro aspecto que parece reflectir a situação que acabámos de mencionar é, por exemplo, a existência do **Prémio** Maria Amália Vaz de Carvalho, instituído pelo Secretariado da Propaganda Nacional (depois SNI) em 1937 e extinto em 1972. A este deu continuidade o Prémio de Literatura Infantil e Juvenil da SEIT (Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Direcção-Geral da Informação). Este prémio, vigente apenas entre 1972 e 1974, destinava-se a «galardoar uma obra de autor nacional e escrita em português...». O regulamento acrescentava, ainda, que «o prémio será atribuído à obra com melhor texto para o público a que se destina e melhor ilustrada, podendo, porém, ser atribuído ao texto de um livro e à ilustração de outro...»¹. Além disso, a Direcção-Geral da Educação Permanente patrocinava a edição de livros infantis².

Um apontamento rápido acerca da LI contida nos **compêndios de Língua Portuguesa** utilizados durante o Estado Novo. A selecção de textos aí incluídos – alguns deles da autoria de grandes autores da literatura portuguesa como Afonso Lopes Vieira (1878-1946) –,

¹ Na década de 60, o Prémio de Literatura Infantil da SEIT foi atribuído apenas a Isabel Maria Vaz Raposo (Bió), em 1961, pelo conjunto das obras *O Menino Gordo*, *A Formiga*, *O Sábio e a Borboleta* e *História da Menina Feia*. Na década de 70, foram galardoadas: em 1971, *O Mundo dos Meninos Verdes*, um texto de Maria Manuela Couto Viana, e a ilustração de Leonor Praça para *Rama e o Elefante Azul*, de Isabel da Nóbrega; em 1972, *A Primeira Volta ao Mundo*, de Adolfo Simões Muller, e a ilustração de Mariana Pardal para *História de Uma Menina*, de Alice Gomes; em 1973, *Pedro e o Mágico*, de António Quadros.

² Como se verificou, por exemplo, com *O Gato da Quinta Azul*, de Marina Algarvia.



muitos compostos num registo infantilizante, outros a partir de um discurso de recorte histórico e de pendor nacionalista, denuncia os valores e os modelos ideológicos do regime salazarista.

Algumas notas também relativamente às **publicações periódicas** da época destinadas aos mais novos. Neste universo, são de ressaltar, por exemplo, a revista *Fagulha* (dir. por Maria Isabel Mendonça Soares) (1958-1974), “descendente” do jornal *Lusitas* (1943-1957), extinto em 1957, e o *Camarada Pequeno Jornal para os Pequenos* (dir. por Couto Viana e Fernando de Paços) (1957-1965), cuja publicação é promovida pela Organização Nacional da Mocidade Portuguesa. Da generalidade dos números deste periódico, ressaltam a presença recorrente da Banda Desenhada (em alguns casos, importada e, com muita frequência, de índole histórica e cultural), de passatempos (palavras cruzadas, adivinhas, etc.) e de secções como «Coisas raras do mundo» e «Imagens de Portugal». Nomes como Júlio Gil (1924-2004), Marcello de Moraes (1928-), António Botelho (1923-2003) (os três, na ilustração), Artur Anselmo (1940-) e Esther de Lemos (1929-) (por exemplo, com a secção «Era assim no tempo dos nossos avós»), Maria Isabel Mendonça Soares (1922-) (por exemplo, com a rubrica «Quadros do Evangelho») e Maria Manuela Couto Viana (1919-1983) e António Manuel Couto Viana (1923-2010) são aí assíduos.

94

Nos **livros** que, na época em estudo, foram dedicados aos leitores infantis, detectam-se duas vertentes distintas. Por um lado, constata-se a edição – em, alguns casos, reedição – de vários títulos explicitamente enquadrados nos “modelos estéticos” e socioculturais inculcados pelo regime salazarista, nomeadamente aqueles em que se procura veicular temáticas nacionalistas e/ou valores como Deus, Pátria e Família, tendo, por exemplo, como ponto de partida a História de Portugal e, conforme, aliás, se explicita abertamente no documento *Instruções sobre Literatura Infantil* que a Direcção dos Serviços de Censura publicou em 1950, mas cujas directrizes viriam a materializar-se num número considerável de títulos das duas décadas seguintes. Por outro lado, é de assinalar a publicação paralela de um conjunto de obras que se distinguem pela imaginação, pela criatividade e pela ficcionalização de tópicos a partir da reinvenção do maravilhoso e do fantástico, do humor, nascido, por vezes, do *nonsense* e do absurdo, e até da crítica social subtil.



Na primeira vertente, inscrevem-se, por exemplo, várias reedições/reimpressões de obras das décadas anteriores que seguem a referida orientação conservadora. Vejam-se, a este título, os volumes da colecção «Grandes Portugueses», cujos quatro primeiros são da autoria de **Virgínia de Castro e Almeida** (1874-1945), ou, ainda, a série de biografias de **Adolfo Simões Muller** (1909-1989), incluídas na colecção «Gente Grande para Gente Pequena»³, aliás, por este dirigida,

³ Dirigida a jovens dos 12 aos 16 anos, os volumes desta colecção incluem o seguinte registo paratextual «A história do mundo na palma da mão. A aventura maravilhosa da vida. O romance dos que, pelo coração ou pela inteligência,

Literatura portuguesa para a infância da década de 60 e inícios dos anos 70 do século XX – alguns contributos

como as *Aventuras do Trinca-Fortes: pequena história de Luís de Camões e do seu Poema*, volume subtintulado *Pequena História de Camões e do seu Poema*⁴, e *O grande almirante das estrelas do sul: pequena história de Gago Coutinho e da primeira viagem aérea ao Brasil*, ou, ainda, *Historiazinha de Portugal*, editado nos anos 40 e alvo de reedições nos anos 50, 60⁵ e 70, apenas para citar algumas. Uma referência a **Jaime Cortesão** (1884-1960) que, em 1967, publica *Contos para Crianças* (1967), obra que contém «Vida de Nuno Álvares Pereira», «O Cavaleiro e o Trovador» e «Romance das Ilhas Encantadas» e que, além de testemunhar uma das linhas editoriais mais recorrentes na época – a publicação de colectâneas de narrativas breves, muitas delas precisamente com este título ou mesmo de colecções variadas também assim intituladas⁶ –, revela, de igual modo, uma das tendências criativas mais frequentes: o recurso a temáticas de inspiração histórica e/ou lendária.

pelo sonho ou pela acção, contribuíram para o bem da humanidade e para tornar a Terra maior.» Esta engloba textos dedicados a Maria Curie, Edison, Wagner, D. Henrique, Cervantes, entre outros. Todos os textos são da autoria de A. S. Muller. As ilustrações são assinadas por Fernando Bento, Vítor Péon, Júlio Resende, Manuel Lima, José Ruy, Manuel Lapa e Luís Osório.

⁴ No paratexto de abertura deste volume, «O livro que vão ler», datado de 1946, A. S. Muller, sublinha o carácter glorioso das figuras nacionais que seleccionou para a colecção. Sobre Camões, por exemplo, refere que este, sendo português, «apegado ao ninho paterno, reparte a alma pelo mundo» e «prestou inegáveis serviços à história de todos os povos».

⁵ Na 4ª edição revista, datada do Natal de 1961 e ilustrada por Emmérico Nunes, mais concretamente no seu paratexto de abertura, pode ler-se «(...) os homens, para formarem uma pátria, precisam de ter a mesma história, as mesmas tradições, os mesmos costumes, a mesma língua. (...) E a história de um povo é a sua raiz, que o prende ao passado e lhe dá a seiva para novas flores e novos frutos. (...) E a história de Portugal é legítimo motivo de orgulho para todos nós, pois poucas nações terão dado tanto do seu sangue para a glória do mundo». Neste texto, escrito num registo coloquial e próximo do receptor infantil, pressente-se a exaltação da pátria portuguesa e do orgulho nacional: «Não sei se já pensaram no que pensariam os meninos do tempo de Vasco da Gama e de Bartolomeu Dias, ao saberem que a “Flor do Mar” ou a “S. Gabriel” tinham partido para longa e aventureira expedição. Não havia rádio, nem telefones, nem serviço de correios, nem jornais, como há hoje (...)»; «E agora fechem os olhos por um segundo. E não de ver passar, entre a poeira dos séculos, a ronda dos heróis (...)». Os paratextos registados nas badanas da publicação são também elucidativos dos propósitos da obra e do posicionamento do seu autor: «A história de uma pátria não deve ser, apenas, uma data de datas e uma lengalenga de nomes de reis e de heróis. É indispensável que ela nos dê, sobretudo, as linhas essenciais do passado, aquilo que permitirá reconstruir, na sua grandeza, o próprio corpo da pátria. Essa “História” é assim, o retrato vivo de Portugal.»; «Esta é a História de Portugal que todos os jovens não de gostar de ler. Uma história simples e amável da nossa terra, que o autor conta como quem conta uma série de histórias da Carochinha. Com a diferença de que, tudo quanto aqui se evoca, sucedeu e contribuiu para afervorar em cada um de nós o orgulho de ter nascido em Portugal».

⁶ Cf., por exemplo, a colecção «Contos para Crianças» da Lello & Irmão e os volumes assinados por Carlos Frederico e por Raquel Roque Gameiro ou por Laura Costa (ilustração). Esta colecção integra adaptações de textos clássicos, alguns deles pertencentes a *As Mil e Uma Noites*, ao célebre romance de J. Swift *Viagens de Gulliver*, a Hans C. Andersen, entre outros. No final de cada volume, pode ler-se a seguinte inscrição de apresentação da série: «A mais interessante das bibliotecas publicada em português para as crianças. Tudo quanto uma criança pode e deve ler, desde a fantasia à história. Nesta pequena biblioteca encontraréis volumes próprios para todas as idades e todas as índoles. Contos históricos, contos de animais, contos de fadas, os grandes homens, fábulas, etc.» (1971). Refira-se também outra colecção assim intitulada, publicada pela Livraria Figueirinhas do Porto, e na qual se integram volumes como *Aventuras da Carochinha Japonesa*, de Emília de Sousa Costa, *Aventuras do Barão de Munchhausen (o barão aventureiro)*, uma adaptação de Henrique Marques Júnior, *Era uma vez...*, de Marta de Mesquita da Câmara, *A Flor Azul*, de Ilse Losa, ou *As Sete Virtudes*, de Odette de Saint-Maurice.

No segundo conjunto, destacam-se vários autores de renome. Muitos deles, tendo iniciado a sua actividade nos finais da década de 50, viriam a tornar-se figuras incontornáveis do universo literário⁷. São os casos de Sophia de M. B. Andresen, Matilde Rosa Araújo, Ricardo Alberty e Ilse Losa. Acrescentem-se a estes, ainda, Irene Lisboa, Maria Lúcia Namorado, Luísa Dacosta, Patrícia Joyce, Maria Cecília Correia, Alves Redol, Maria Isabel Mendonça Soares, Alice Gomes, Papiniano Carlos, Manuel Ferreira, Norberto Ávila, entre outros. Estes autores e outros de referência “obrigatória” – como Mário Castrim, Maria Rosa Colaço, Luísa Ducla Soares, António Torrado, Maria Alberta Menéres ou Manuel António Pina, por exemplo – evidenciam já, na sua escrita, algumas das características e das tendências que, após o 25 de Abril de 1974, singularizam a sua relevante produção literária.

Passaremos, de seguida, em revista algumas obras marcantes da LI, procurando assinalar, ainda que resumidamente, as suas principais particularidades técnico-expressivas e algumas das suas isotopias.

O Livro de Marianinha, publicado em 1967, é o último dos três títulos que **Aquilino Ribeiro** (1885-1963) dirige aos leitores mais novos. Nesta obra póstuma do autor dos inesquecíveis *Romance da Raposa* (1924) e *Arca de Noé III classe* (1936), a memória, a ligação ao espaço rural e a valorização das suas vozes reflectem-se no discurso poético vivo e expressivo – por exemplo, ao nível da componente fónico-linguística – da série de «lengalengas e toadilhas» aí incluídas.

A obra de **Sophia de M. B. Andresen** (1919-2004), inaugurada, em 1956, com *O Rapaz de Bronze*, é um hino à natureza, ao humanismo, ao Belo, ao Verdadeiro e ao Justo. Nos seus textos, conjuga-se, com invulgar sensibilidade, o maravilhoso e o real, num registo marcado por uma poeticidade e uma musicalidade assinaláveis. Exemplos da singularidade do registo literário da autora são, por exemplo, os contos *A Noite de Natal* (1960), *O Cavaleiro da Dinamarca* (1964) e *A Floresta* (1968), os três publicados na década de 60.

Matilde Rosa Araújo (1921-2010) inicia a sua actividade literária dedicada à infância nos finais dos anos 50. Em 1967, vieram a lume dois dos títulos mais emblemáticos da autora, *O Cantar da Tila* (na sequência de *O Livro da Tila*, de 1957) e *O Palhaço Verde*, obras às quais acrescentou, em 1972, *O Sol e o Menino dos Pés Frios*. A dimensão poética e, muitas vezes, lúdica, de que é capaz de revestir temáticas e elementos do real e do quotidiano, bem como a delicadeza, o respeito e o humanismo com que trata a infância são as pedras de toque da escrita desta escritora.

⁷ Da literatura para a infância, da literatura *tout court*, mas não apenas, uma vez que muitos deles desempenharam, por exemplo, importantes papéis políticos e sociais.



Literatura portuguesa para a infância da década de 60 e inícios dos anos 70 do século XX – alguns contributos

Ricardo Alberty (1919-1992), com uma actividade assídua no âmbito da tradução, da adaptação e também da produção literária própria dedicada aos mais novos, depois de *A Galinha Verde* (1957), edita *Flor sem par* (1961), uma obra realizada por intervenção do serviço de escolha de livros para as bibliotecas junto das escolas primárias, na qual, num registo sensorial, muitas vezes próximo da oralidade, o autor ficcionaliza tópicos como a infância, a amizade e o sonho, cruzando-os com o da natureza e das vivências simples no seio desta. Em 1968, deu à estampa *Este Livro Tão Bonito* e *Os Quatros Corações do Coração*, obras a que se seguiu, em 1970, *Brincos de Cerejas e outros contos*⁸, uma colectânea que integra a «Série Gigante» da Verbo e na qual o discurso entusiasmado de valorização da natureza é também dominante. Comuns a muitos contos contidos nesta obra – e também a *O Príncipe de Ouro* (1971) ou a alguns dos textos dramáticos deste autor – são o cenário campestre e/ou o espaço físico rural, a protagonização infantil da acção, a oposição alegria/felicidade infantil *versus* sofrimento/aflicção infantil (por exemplo, pela pobreza ou pela doença), temáticas como a bondade, a justiça, a piedade, a amizade e a solidariedade, os desfechos positivos e fundo moralizante.

Da autoria de **Ilse Losa** (1913-2006) publicaram-se, em 1960, *O Mosquito e o Senhor Pechincha* e, em 1962, as peças *O Príncipe Nabo da Nabolândia* e *João e Guida*, esta última uma original reescrita do célebre conto *Hansel e Gretel*⁹. A escrita enxuta desta autora, sempre atenta ao que de injusto e de amargo perturba a condição humana, distingue a sua obra, um conjunto de títulos de referência neste campo literário. Recorde-se, ainda, o empenho desta escritora na direcção de colecções infanto-juvenis de elevada qualidade literária, designadamente para a editora Asa, por exemplo.

Irene Lisboa (1892-1958), autora de *Uma Mão Cheia de Nada*, *Outra de Coisa Nenhuma* (1955) e de *Queres Ouvir? Eu Conto* (1955), entre outros, assina *A Vidinha da Lita* (1971), uma narrativa integrada na colecção «Os Livros da Grande Roda»¹⁰, que, num registo fresco e

⁸ Os outros contos presentes neste volume são: «O Carnaval do Sineiro», «O País dos Sorrisos», «Teatro de Campo», «Os irmãos perdidos», «Maria Desgraça», «Domfafa» e «O rapaz do cabelo encarnado».

⁹ Para saber mais acerca deste conto, de algumas das suas reescritas e, em concreto, da sua reavaliação feita por Ilse Losa, vide: Silva, Sara Reis (2015). *Casas muito doces: reescritas infanto-juvenis de Hansel e Gretel*. Porto: Tropelias & C^a.

¹⁰ Com plano e direcção de Maria Lúcia Namorado, com esta colecção, procurou-se «dar às nossas crianças de 2 a 10-12 anos uma colecção de livros graduados e de vários géneros que correspondam às suas necessidades e aos seus interesses. (...) «Os Livros da Grande Roda», publicados pela Atlântida Editora, formam dois grupos: Grupo I – Série “Era uma Vez...” onde as mães e educadores encontram textos variados (rimas, jogos, canções, lengalengas e contos) para lerem ou contarem às crianças. Grupo II – Livros para crianças manusearem e lerem. (...) todos os livros terão indicações que permitirão ordená-los dentro das suas séries, segundo as idades dos leitores a que se destinem».



directo, recria o universo infantil, revelando um profundo conhecimento deste, decorrente, muito provavelmente, da sua sólida experiência pedagógica.

Maria Lúcia Namorado (1909-2000) é autora de *O Sonho do Infante* (1960), uma breve peça infantil que, pontuada por elementos de índole patriótica e, de certo modo, didactizante¹¹, é um panegírico a D. Henrique, a partir de uma «evocação simples» desta figura histórica. Em 1966, da mesma autora, veio a lume *A História do Pintainho Amarelo*, e, em 1968, *História de um Bago de Milho*, títulos em que se pressente, uma vez mais, uma certa tendência pedagógica. Em *Era uma Vez...* (1970), colectânea dedicada a crianças dos 2-9 anos, a autora reúne adaptações de narrativas e outros textos do património tradicional oral (lengalengas, rimas em jogos, etc.), reflectindo previamente acerca de questões relativas ao livro e à leitura.

Em 1961, foi publicado *A Mais Bela Princesa de Todas as Histórias do Mundo*, de **Odetta Saint-Maurice** (1918-1993), uma das autoras mais prolíficas e populares nesta época, particularmente pelas suas novelas juvenis ou romances para raparigas, inseridas na colecção «Gôndola Juvenil» da editorial Presença.

Os textos para a infância de **Patrícia Joyce** (1913-1985), em particular, as peças *Auto da Joanita e da Fonte* (1969), *Auto dos Quatro Meninos* (1969) e *O Romance da Gata Preta* (1971) evidenciam uma intencional proximidade com o receptor infantil. O cenário rural serve de pano de fundo ao tratamento de valores como a amizade e o amor.

Em *O Clube das Três Aldeias* (1961)¹² e *O Grande Acontecimento* (1962)¹³, narrativas pertencentes à colecção «Carrocel»¹⁴ da autoria da fundadora e dinamizadora do Teatro de Branca-Flor, **Lília da Fonseca** (1916-1991), os protagonistas são crianças. Linhas ideotemáticas como a infância, o isolamento, a amizade e a união, bem como, de forma muito discreta, a paz, materializam-se num discurso sensorial e com leves notações simbólicas. Em 1963, a autora publica também *Histórias de Animais* e *Noite de Natal*.

O estilo apurado da escrita e o apreço por temáticas como o sonho, a liberdade e a infância determinam o carácter singular da produção literária de **Luísa Dacosta** (1927-2015) que, em 1971, publica *O Príncipe que Guardava Ovelhas* e, em 1974, *O Elefante Cor de Rosa*.



¹¹ Cf. «Foi certamente a sólida formação moral daquele carácter íntegro e o desejo indomável de alargar os limites da Pátria ao serviço de Deus, que não o deixaram sossobrar ante a enormidade de tamanha empresa.»

¹² Com ilustrações de Crianças, alunas da Escola Técnica Elementar Francisco Arruda (Lisboa).

¹³ Ilustrada também pelas crianças do título anterior.

¹⁴ Direcção literária de Lília da Fonseca; direcção artística de M. Calvet de Magalhães.

Literatura portuguesa para a infância da década de 60 e inícios dos anos 70 do século XX – alguns contributos

A colectânea *Histórias de Pretos e de Brancos* (1960)¹⁵, escrita por **Maria Cecília Correia** (1919-1993) e ilustrada por Maria Keil, confirma o estilo natural e espontâneo da autora – já revelado em *Histórias da Minha Rua* (1953) – na ficcionalização de tópicos como a diferença, por exemplo, entre o campo e a cidade e os meninos destes dois meios.

O autor de *A Vida Mágica da Sementinha* (1956) e de *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos* (1962), um texto que tem como motivo central o sonho, **Alves Redol** (1911-1969) assina a série composta por *A Flor vai Pescar num Bote* (1968), *A Flor Vai Ver o Mar* (1968), *Uma Flor Chamada Maria* (1970) e *Maria Flor Abre o Livro das Surpresas* (1970), obras onde o jogo, a palavra e o humor se aliam de forma criativa.

Al-Godão e Al-Godinho, um texto dramático de 1973 da autoria de **Maria Isabel Mendonça Soares** (1922-), que assina também os contos de *O Marujinho que Perdeu o Norte* (1958), testemunha o cómico de linguagem e de carácter que marca, com subtileza e espontaneidade, a escrita desta autora.

Depois das peças de *A Nau Catrineta e a Outra História do Capuchinho Vermelho* (1967) e *Teatro para Crianças*, **Alice Gomes** (1910-1983) publica *Bichinho Poeta* (1970), título da colecção «Educação pela Arte», que guarda um conjunto de poemas centrados, na sua maioria, em figuras animais de reinos e espécies distintos. De ressaltar o carácter lúdico e cómico de muitos destes textos contidos neste «belo bestiário poético» (Gomes, 1997: 41).

Norberto Ávila (1936-) é autor de umas das mais interessantes peças do teatro português para a infância, *Histórias de Hakim* (1968), uma obra premiada que se destaca pelo exotismo (note-se que o seu intertexto fundamental é *As Mil e Uma Noites*), pelo humor e pela vivacidade dos diálogos, nos quais se pressentem críticas, por exemplo, à prepotência, à opressão dos mais fracos e mais pobres pelos ricos e poderosos e à arrogância.

Em 1961, **Maria Rosa Colaço** (1935-2004) escreve a peça *O Espanta-Pardais* e, no ano seguinte, a colectânea poética *Joaninha Avoa Avoa*. Em ambos, o registo envolvente, em que o real e o onírico/maravilhoso se conjugam de forma atraente, é a nota dominante e, nestes, pressentem-se já algumas linhas de força que sustentam a escrita da autora, como «a alegria de viver» (Rocha, 2001: 95), o optimismo ou a esperança. Já em 1969, reúne, em *A Criança e a Vida*, textos de

¹⁵ Nesta obra, integram-se os contos «Retrato de uma pretinha», «História de uma laranja oferecida», «Brincadeiras debaixo da cama», «Os gatos vadios da ilha», «Brincadeiras novas», «A feira», «O pinheirinho novo», bem como uma secção final intitulada «Histórias da noite»: «A Cila», «O Pedro», «A Clara e o Tonio».

crianças sobre o amor, as viagens, sobre o Natal, sobre a vida, a morte e a infância, num admirável elogio à capacidade imaginativa e à sensibilidade infantis.

Aventuras de João Sem Medo, de **José Gomes Ferreira** (1900-1985), originalmente publicadas no jornal infantil *O Senhor Doutor*, é a história de um herói destemido, livre e imaginativo, na qual, com humor e ironia e num discurso muito expressivo, se aproveita para deixar algumas críticas sociais subtis.

De **Papiniano Carlos** (1918-2012), veio a lume, em 1963, o longo e belo poema narrativo *A Menina Gotinha de Água*. Com ilustrações de J. da Câmara Leme, este é um clássico da LI portuguesa, alvo já de várias reedições, a última das quais datada de 2014, com a chancela da Assírio & Alvim e com ilustrações de Henrique Cayatte (1957-).

Manuel Ferreira (1917-1992), em 1964, publica *O Sandinó e o Corá*, em 1970, *A Maria Bé e o Finório Zé Tomé* e *No Tempo em que os Animais Falavam* e, em 1971, *Vamos Contar Histórias*. A sua obra espelha uma atracção pela ambiência africana.

Conversa com versos (mais tarde, em 1980, reeditado, numa versão alargada, com o título *Um Peixe no Ar*) é o título com que **Maria Alberta Menéres** (1930-) inicia, em 1968, a sua produção literária dedicada aos mais novos. Em 1969, edita *Figuras Figuradas*. Nas obras desta autora de prestígio, a herança dos modelos literários da poesia tradicional conjugam-se, de forma cativante, com o jogo e o humor. Em 1972, veio a lume *Ulisses*, uma reescrita da *Odisseia*, que faz o leitor regressar ao passado mítico e permite o contacto com uma original composição gráfica do texto verbal.

António Torrado (1939-), escritor com quem, aliás, Maria Alberta Menéres desenvolveu um relacionamento literariamente muito fecundo, com a criação de textos em co-autoria, publica, em 1969, *A Chave do Castelo Azul e outras histórias*¹⁶, em 1971, *A Nuvem e o Caracol*, *O Manequim e o Rouxinol*, e, em 1972, *Pinguim em Fundo Branco* e *O Veado Florido*. A frescura e a vivacidade do relato, a proximidade com o receptor e o humor pautam já os títulos mencionados e diferenciam a escrita deste autor inquestionável da LI portuguesa, que consolidará a sua obra após 1974 e continua, ainda presentemente, a editar assiduamente.

1969 é o ano de edição de *Histórias com Juízo*, de **Mário Castrim** (1920-2002), colectânea que reúne vários poemas e curtos textos narrativos «influenciados, na

¹⁶ Este volume inclui cinco narrativas: «A chave do castelo azul», «Uma história com um grilo dentro», «O espantalho aventureiro», «O mercador de coisa nenhuma» e «Um relógio diferente dos outros».



Literatura portuguesa para a infância da década de 60 e inícios dos anos 70 do século XX – alguns contributos

aparência, por uma poética de raiz surrealizante e *nonsensical* (...) mas, na verdade, carregados de segundos sentidos que estimulam o espírito crítico» (Gomes, 1997: 41).

Tucha e Bico (1969), de **Leonor Praça** (1936-1971), é uma obra pioneira em Portugal, já que se enquadra na categoria do álbum narrativo para primeiros leitores (*picture story book*). A família, a infância, o crescimento e a entreatjada surgem aqui tematizados a partir de uma profusão de imagens policromáticas e de uma invulgar (na época da edição) simplicidade, brevidade e economia vocabular e sintáctica.

Em 1972, **Luísa Ducla Soares** (1939-) publica o seu primeiro livro para crianças, *A História da Papoila*, obra à qual, em 1973, o SNI atribuiu o Grande Prémio de Literatura Infantil, galardão que, por motivos políticos, a autora recusou. A este obra seguiram-se a edição de vários outros títulos célebres, muitos deles alvo de sucessivas reedições após 1974 e, alguns deles, até aos dias de hoje: *Maria Papoila* (1973), *O Dr. Lauro e o Dinossauro* (1973), *O Ratinho Marinheiro* (1973), *O Soldado João* (1973), *O Gato e o Rato* (1973) e *O Urso e a Formiga* (1973). A vasta e polifacetada actividade literária desta autora é marcada pela criatividade, pela vivacidade, pelo humor e, por vezes, pela crítica social.

De **Manuel António Pina** (1943-2012) *O País das Pessoas de Pernas para o Ar* (1973) é a obra inaugural deste autor no universo da escrita de destinatário preferencial infantil. Colectânea irreverente, ilustrada por João Botelho, na qual se incluem os contos «A vida dum peixe vermelho», «O menino Jesus não quer ser Deus» e «O bolo e o menino Jesus», esta obra, como refere N. Rocha, anuncia «uma maneira diferente de contar uma história e um uso sofisticado das palavras e das suas associações.» (Rocha, 2001: 131). Em 1974, publica *Gigões & Anantes* e, de novo, a criatividade e a inovação, espelhados no absurdo e no nonsense de algumas construções, são aqui determinantes.

Revisitados os principais autores e obras publicadas no período temporal eleito para esta abordagem, e, agora, já no domínio da edição, merece, ainda, referência, pelas várias **coleções ou séries** lançadas, muitas delas de larga difusão, a Editorial Infantil Majora, cujos propósitos editoriais acabam por transparecer do seu lema: «um amigo que diverte, que educa e que instrui». Apenas para citar alguns exemplos, recorde-se a publicação das colecções «Contos das Mil e Uma Noites», «Formiguinha», «Varinha Mágica» e «Série de Prata». De mencionar, a título exemplificativo, e com a chancela desta editora, os títulos: *Brincando e comendo nós vamos crescendo*, um volume de apenas 6 páginas cartonadas, sem indicação do autor e do ilustrador, integralmente

dominado pela representação pictórica de animais e por um conjunto de quadras rimadas e centradas nas figuras visualmente recriadas; *Os sete desejos da Joanhinha*, obra de formato reduzido que tem a particularidade do recorte do rosto da protagonista em todas as páginas. Na colecção «Varinha Mágica», da mesma editora, são vários os títulos que, num formato gráfico económico, oferecem adaptações de textos do património tradicional oral efectuadas por autores como Fernando de Castro Pires de Lima (1908-1973), que assina também uma *Seleção de contos populares para crianças* (1957) e a antologia *Histórias que o Povo Conta* (1960), obra publicada na colecção «Cavalinho Preto» da Editorial Verbo.

Refira-se que esta colecção da Editorial Verbo, composta por livros de capa cartonada e ilustrações a cores, integra também textos da autoria de Isabel Maria Vaz Raposo (Bió) e Ricardo Alberty. Da série de livros «Contos das Mil e Uma Noites», também da mesma editora, destacam-se os textos/adaptações de Costa Barreto e as ilustrações de César Abbott. A título de curiosidade, mencione-se o facto de, no final dos pequenos volumes desta colecção, surgirem anunciadas outras colecções, por exemplo, «livros brochados (com muitas ilustrações a cores)», «Livros brinquedo com movimento», «Edições de luxo – série de ouro», «Livros em pano».

Os contos da popular colecção «Formiguinha», também da Majora, e dos quais se destaca a assinatura de João Sereno, vieram a lume a partir da segunda metade da década de 50 e foram alvo de inúmeras reedições, tendo muitas delas chegado aos nossos dias. Com primeira edição datada da segunda metade da década de 50, a grande maioria dos volumes das séries da Majora foram alvo de sucessivas reedições nas décadas seguintes. Ainda no que diz respeito a colecções/séries, refira-se a «Colecção Infantil Ática», na qual se incluem títulos de autores de referência como António Sérgio, Esther de Lemos, José de Lemos, Sophia de M. B. Andresen, entre outros.

Uma última referência à participação de **artistas/ilustradores** consagrados na produção do livro infantil. Maria Keil (1914-2012), Leonor Praça (1936-1971), João Câmara Leme (1984-), José de Lemos (1910-1995), César Abbott (1910-), Tóssan (1918-1991), Jorge Pinheiro (1931-), Armando Alves (1935-), entre outros, associando a sua arte à de grande parte dos escritores a que já aludimos, assinaram a composição visual de um número significativo de volumes dedicados aos leitores mais jovens.

A produção literária de muitos dos autores destacados, nomeadamente o seu estilo e algumas das linhas de força que distinguem os seus textos, bem como o registo estético de alguns dos ilustradores referidos, viram um novo impulso após a revolução dos Cravos (25 de Abril de 1974), tendo contribuído, de forma determinante, para a consolidação da LI portuguesa.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, Carlos Manuel F. da (2011). «A História Literária no Século XXI». In Silva, José Amadeu, Martins, José Cândido, Gonçalves, Miguel (orgs). *Pensar a Liter@tura no Séc. XXI* (pp. 299-305). Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia – Universidade Católica Portuguesa.
- GOMES, José António (1997). *Para uma história da literatura portuguesa para a infância e a juventude*. Lisboa: Ministério da Cultura: IPLB.
- LEMOS, Esther (1972). *A Literatura Infantil em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional-Direcção-Geral da Educação Permanente.
- O’ SULLIVAN, Emer (2005). *Comparative Children’s Literature*. NY: Routledge.
- PIRES, Maria Laura Bettencourt (1993). *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Vega.
- REIS, Carlos (1981). *Técnicas de Análise Textual*. Coimbra: Almedina (3^a ed. revista).
- ROCHA, Natércia (1984). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Colec. «Biblioteca Breve»/97, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação.
- ____ (2001). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal (Nova edição actualizada até ao ano 2000)*. Lisboa: Caminho.
- ROIG RECHOU, Blanca-Ana (2013). A educación literaria no Estado Español In Azevedo, F. e Sardinha, M. G. (org.). *Didática e Práticas. A Língua e a Educação Literária*. Guimarães: Opera Omnia, pp. 185-208.
- SHAVIT, Zohar (2003). *Poética da Literatura para Crianças*. Lisboa: Editorial Caminho.
- SILVA, Vítor Aguiar e (1990). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina.
- WEINREICH, Torben (2000). *Children’s Literature – Art or Pedagogy?*. Copenhage: Roskilde University Press.